

A PRODUÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA NA PESQUISA BIOGRÁFICA**THE THEORETICAL-METHODOLOGICAL PRODUCTION IN
BIOGRAPHICAL RESEARCH**

255

Rosangela Molento Ferreira

Doutora em História da Educação (Universidade Católica de Santos – UNISANTOS), Mestre em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo – UMESP), Especialista em Literatura Brasileira (Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR).

Contato: rosangela.ferreira2@fatec.sp.gov.br**RESUMO**

O gênero biográfico é uma produção de conhecimento de abordagem exploratória, sobre as categorizações e representações da vida e atuação do biografado. Neste artigo é apresentada uma metodologia que propõe uma reflexão e análise historiográfica das fontes documentais, de caráter qualitativo, fundamentando a pesquisa biográfica em informações publicadas na imprensa, como objeto empírico, utilizando os métodos apoiados nos conceitos e procedimentos de exame dos registros e narrativas que fazem autores da área da história, sociologia, filosofia, educação, ciência política, biografia, entre outras, como por exemplo os processos de análise dos fatos e das evidências examinados por Paul Veyne e Edward Palmer Thompson; as questões sobre o estudo e a escrita biográfica apresentadas por Vavy Pacheco Borges, Pierre Bourdieu, Giovanni Levi e François Dosse; a imprensa como fonte de pesquisa nos estudos de Tania Regina de Luca, Heloisa de Faria Cruz, Maria do Rosário da Cunha Peixoto e Luiz Carlos Barreira e suas contribuições para a construção desta pesquisa, em um diálogo com as evidências e com o que está posto nos materiais compilados, propondo uma análise dos elementos que identificam a trajetória do objeto de pesquisa.

Palavras-chave: Gênero biográfico. Metodologia. Fontes documentais. Análise historiográfica.

ABSTRACT

The biographical genre is a production of exploratory approach knowledge, on the categorizations and representations of the life and performance of the biographer. This article presents a methodology that proposes a reflection and historiographical analysis of documentary sources, of qualitative character, basing biographical research on information published in the press, as an empirical object, using the methods supported by the concepts and procedures of examination of records and narratives who make authors of history, sociology, philosophy, education, political science, biography, among others, such as the processes of analysis of facts and evidence examined by Paul Veyne and Edward Palmer Thompson; questions on the study and biographical writing presented by Vavy Pacheco Borges, Pierre Bourdieu, Giovanni Levi and François Dosse; the press as a source of research in the studies of Tania Regina de Luca, Heloisa de Faria Cruz, Maria do Rosário da Cunha Peixoto and Luiz Carlos Barreira and their contributions to the construction of this research, in a dialogue with the evidence and with what is put in the compiled materials, proposing an analysis of the elements that identify the trajectory of the research object.

Keywords: Biographical genre. Methodology. Documentary sources. Historiographical analysis.

INTRODUÇÃO

Para a produção deste conhecimento de abordagem exploratória, sobre as categorizações e representações da atuação e vida de um biografado, apresenta-se uma reflexão e análise historiográfica de fontes documentais, de caráter qualitativo, com foco nas informações publicadas na imprensa, como objeto empírico, utilizando os métodos apoiados nos conceitos e procedimentos de exame dos registros e narrativas que fazem autores da área da história, sociologia, filosofia, educação, ciência política, biografia, entre outras.

Paul Veyne e Edward Palmer Thompson, como por exemplo, sugere o exame dos processos de análise dos fatos e das evidências, considerando que estes acontecem num dado momento, inseridos em um contexto, com significado dentro de uma sequência de ocorrências, com ligações objetivas; e sua descrição é seletiva, uma escolha crítica. E quanto à pesquisa biográfica, deve ser considerada a riqueza de referências presentes nas narrativas de vida expostas nas diversas fontes de pesquisa.

Por se tratar de uma proposta de métodos de estudo biográfico, é apresentado um levantamento das questões historiográficas referentes à biografia e sua relação com os historiadores, e as possibilidades de integração das questões e dos procedimentos de análise e produção apresentados pelos autores referenciados nestas abordagens.

Nas proposições sobre o estudo e a escrita biográfica, são discutidas as necessidades de se tratar o material biográfico de maneira mais complexa, pois há de se considerar as incoerências das normas de cada sistema social, e, principalmente, a relação entre o indivíduo e o grupo em que está inserido.

Destaca-se, nesta pesquisa, a importância da imprensa, dos periódicos e dos jornais, como uma das principais fontes de informação histórica, sobre o cotidiano e as formas de ver o mundo por meio de relatos dos fatos corriqueiros da vivência humana, hábitos e costumes, sobre economia, demografia, a vida social e política, modos de vida, experiências e práticas políticas, sem deixar de considerar o campo de subjetividade e da intencionalidade dos editoriais, ou seja, a imprensa constitui-se, portanto, um importante instrumento de pesquisa.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A história é uma narrativa de eventos, como conceitua Paul Veyne (1998), os quais são selecionados, simplificados e organizados, e não são apreendidos de uma maneira direta e completa, mas sim de forma incompleta e lateralmente, pois cada um pode ter uma compreensão peculiar sobre um mesmo fato: “minha própria interpretação dos acontecimentos não seria, talvez, a mesma que a de meus amigos, do meu confessor, do meu historiador e do meu psicanalista, que poderia ter suas próprias versões sobre a minha decisão e julgar saber melhor do que eu o que eu desejava” (p. 08); a história nunca se repetiria, mesmo que contasse o mesmo episódio. E é possível inferir a natureza das fontes utilizadas

pelo historiador pela importância que ele dá a certos fatos, recortando a história a seu modo, de acordo com suas preferências pessoais, de forma subjetiva.

A narração histórica pode ser conhecida por meio dos documentos (todo acontecimento que deixou uma marca material), testemunhos e por indícios, “não é um documentário em fotomontagem e não mostra o passado ao vivo ‘como se você estivesse lá’” (VEYNE, 1998, p. 08), portanto, na análise dos fatos, considera-se que estes acontecem num dado momento, cujo sentido há de ser considerado dentro de uma sequência, um encadeamento de ocorrências, pois os fatos não existem isoladamente, mas têm ligações objetivas; e não são descritos em sua totalidade, pois esta descrição é seletiva, uma escolha crítica, como afirma o historiador:

O objeto de estudo nunca é a totalidade de todos os fenômenos observáveis, num dado momento ou num lugar determinado, mas somente alguns aspectos escolhidos; conforme a questão que levantamos, a mesma situação espaço temporal pode conter um certo número de objetos diferentes de estudo (p. 21).

As totalidades são núcleos de relações e as verdades são parciais, fazendo sentido dentro do que o autor chama de “trama”, de número indefinível.

A respeito da biografia, que é a abordagem deste trabalho, o autor reconhece a riqueza de referências presentes nas narrativas de vida:

A história biográfica e anedótica é a menos explicativa, mas a mais rica do ponto de vista da informação, já que considera os indivíduos nas suas particularidades e detalha, para cada um deles, as nuances do caráter, a sinuosidade de seus motivos, as etapas de sua deliberação (p. 12).

E não se trata do que essas histórias são na realidade, mas sim do que se pode apreender a partir delas.

O que Thompson (1981) propõe, a partir das evidências históricas, é que se leia esse material à luz de indagações que busquem novas evidências e, nesse diálogo, sejam propostas novas questões, pois os fatos, registrados historicamente com determinadas propriedades, não revelam seus significados e relações por si mesmos:

Qualquer historiador sério sabe que os “fatos” são mentirosos, que encerram suas próprias cargas ideológicas, que perguntas abertas, inocentes, podem ser uma máscara para atribuições exteriores, e que mesmo as técnicas de pesquisa empírica mais sofisticadas e supostamente neutras - técnicas que nos forneceriam a “história” já embalada e sem o contato da mente humana, através da ingestão automática do computador - podem ocultar as mais vulgares intromissões ideológicas (p. 38).

Este autor levanta questões que podem ser feitas de seis diferentes maneiras para se interrogar os fatos isolados da evidência histórica (pois ela, existindo em sua forma primária, não revela seu próprio significado), numa “desconfiança atenta”: 1) primeiro de tudo deve-se examinar como os fatos históricos foram registrados, com que finalidade e se podem ser confirmados por evidências adjacentes; 2) quando os fatos são fenômenos sociais ou culturais,

as evidências são portadoras de valor, nas quais as qualidades inerentes aos fenômenos tornam-se objeto de estudo; 3) as evidências isentas de valor são as "neutras" (que o autor exemplifica como os índices de mortalidade, escalas de salários, etc.) cujas perguntas têm seus procedimentos próprios e adequados, limitando as atribuições ideológicas; 4) como *elos numa série linear de ocorrências*, os fatos circunstanciais, ou como a história "realmente aconteceu", mas nunca será plenamente conhecida, identificam as relações estruturais e causais; 5) como *elos numa série lateral* de relações sociais/ideológicas/econômicas/políticas, nas quais se pode inferir, a partir de muitos exemplos, um corte provisório de uma sociedade no passado (o autor cita como exemplo as suas relações características de poder, dominação, parentesco, servidão, relações de mercado, e outras); e 6) mesmo os fatos isolados podem ser questionados na procura de evidências que sustentam a estrutura.

258

Essas maneiras de interrogar as evidências, sugeridas por Thompson, são procedimentos empíricos "elaborados, nas diferentes disciplinas, não só para interrogar os 'fatos', como para assegurar que eles respondam, não com a voz do interrogador, mas com a sua voz própria" (p. 42). Consiste num diálogo entre conceito e evidência, movido por hipóteses sucessivas e pela pesquisa empírica, no qual a lógica histórica interroga a evidência (que possui suas propriedades determinadas) sobre uma hipótese, o modo como os fenômenos agiram em relação aos outros.

Em relação à pesquisa biográfica, como uma seleção de evidências e de aspectos que não estão isolados do todo, o objeto real continua sendo uma soma unitária do comportamento humano e não um conjunto de histórias separadas, "cada aspecto do qual se relaciona com outros de determinadas maneiras, tal como os atores individuais se relacionavam de certas maneiras (pelo mercado, pelas relações de poder e subordinação etc.)" (p. 50).

O gênero biográfico

Por se tratar de um estudo biográfico, esta parte apresenta um levantamento do debate historiográfico a respeito da biografia e sua relação com os historiadores, para que se possa identificar e localizar a pesquisa biográfica nessa discussão, e as possibilidades de integração das questões e dos procedimentos de análise e produção apresentados por cada um desses estudiosos.

Vavy Pacheco Borges (2005) comenta os limites e a fecundidade do gênero biográfico, comparando seu longo percurso até o atual sucesso, iniciando com a chamada biografia clássica, no mundo grego antigo, com o objetivo dar exemplos, positivos ou negativos, do caráter político, moral ou religioso do biografado, passando pela Idade Moderna, em que o interesse era contar a "verdade" e não o panegírico, até chegar na década de 1980, marcada pelo "retorno" da biografia, justificando que: "Dois eixos claramente imbricados podem explicar hoje esse interesse pelas biografias: os movimentos da sociedade e o

desenvolvimento das disciplinas que estudam o homem em sociedade” (p. 209). A autora explica o foco do primeiro eixo como o espaço cada vez maior que o indivíduo tem na sociedade e do atual interesse da mídia sobre a vida das pessoas, citando o literato Alain de Botton, o qual identificou a biografia como “voyerismo” e bisbilhotice. E, no segundo eixo, devido às crises dos grandes paradigmas, surgiu o interesse pelas minorias sociológicas, tendo as mulheres como um dos exemplos, considerando que o ser humano está inserido numa rede de relações: “Assim, algumas coordenadas devem ser levadas em conta pelo pesquisador: deve-se atentar para os condicionamentos sociais do biografado, o grupo ou grupos em que atuava, enfim, todas as redes de relações pessoais que constituíam seu dia a dia” (p. 222). A experiência de Borges (2005) com a biografia (começando por seu mestrado sobre a imagem de Getúlio Vargas) foi despertando o interesse pelo problema do papel do indivíduo na história, sua trajetória, origens, personalidade e seu contexto.

O equívoco de tratar a vida como um relato coerente de fatos é destacado por Bourdieu (2006):

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário (p. 184).

Com a intenção de dar coerência aos acontecimentos, é comum fazer uma seleção dos fatos significativos para determinar as conexões que lhes dão coerência, podendo criar, portanto, um sentido artificial. Por isso que, para o autor, é uma ilusão retórica produzir um relato de vida com coesão de sequência dos acontecimentos, com um curso e significação, como uma representação comum da existência, reforçada pela tradição literária de que a história é coerente e totalizante, previsível, identificando a normalidade com a identidade, sem considerar as particularidades circunstanciais e os acidentes individuais. Ou seja, compreender uma vida como uma série única e suficiente de acontecimentos sucessivos, “é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações” (p. 189), pois a trajetória de uma pessoa está sujeita a transformações constantes, com colocações e movimentos na dimensão social.

As ambiguidades biográficas são apontadas de forma similar por Giovanni Levi (2006), mencionando as distorções que os historiadores fazem ao imaginar que “os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado”, segundo uma tradição biográfica que associa “uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas” (p. 169), e afirma ser fundamental a reconstrução da pluralidade de campos em que o sujeito está inserido. Este historiador formula uma tipologia a partir das diferentes abordagens que os historiadores fazem do problema biográfico, qual seja, da incapacidade de compreender a singularidade irreduzível

da vida, com os seguintes temas: Prosopografia e biografia modal; Biografia e contexto; A biografia e os casos extremos; e Biografia e hermenêutica. Nestas proposições aborda-se as questões das complexidades biográficas e da necessidade de tratar o material biográfico de maneira menos simplista, considerando as incoerências das normas de cada sistema social, o tipo de racionalidade atribuído aos atores e a relação entre o indivíduo e o grupo ao qual pertence.

François Dosse (2009) situa o gênero biográfico entre a narração ficcional e a realidade histórica (a busca pela evidenciação), entre a literatura e as ciências humanas, destacando seu caráter híbrido (entre a vocação romanesca, a ânsia de erudição e o discurso moral exemplar) que dificulta a classificação numa disciplina organizada, mas que as virtudes deste gênero estão sendo redescobertas pelas ciências humanas e, em particular, pelos historiadores, acarretando numa “verdadeira explosão biográfica que se apossa dos autores e do público num acesso de febre coletiva que dura até hoje” (p. 16).

Este historiador também chama a atenção para uma ilusão, aquela que se refere ao envolvimento do biógrafo com seu objeto, que se dá por meio “de um acesso direto ao passado, possibilitando-lhe comparar sua própria finitude à da personagem biografada. A impressão de totalização do outro, por ilusória que seja, responde ao empenho constante de construção do eu em confronto com outro” (p. 13), fazendo com que o pesquisador, pela necessidade da empatia com o objeto e o desejo de lhe fazer justiça, de propiciar o devido reconhecimento da sua grandeza, seja “possuído” pelo biografado, seja modificado e transformado por ele, vivendo no seu universo durante o período da pesquisa e redação. O biógrafo “acalenta a ilusão de devolver a vida, de ressuscitar os mortos. Sem dúvida, a ânsia de dar sentido, de refletir a heterogeneidade e a contingência de uma vida para criar uma unidade significativa e coerente traz em si boa dose de engodo e ilusão” (p. 14). O autor alerta para o perigo da perda da própria identidade e da não determinação da peculiaridade do biografado, mas que esses “arroubos passionais” são tão necessários quanto a distância objetivante, e, ainda, que o biógrafo tem a consciência de que nunca concluirá a sua obra, sejam quantas forem as fontes que ele consiga exumar.

Periódicos como fontes documentais

A pesquisa dos periódicos como prática metodológica deve-se ao fato do jornal ter se tornado uma das principais fontes de informação histórica, a utilização de materiais da imprensa, como fonte e objeto de consulta, está cada vez mais abrangente nos diversos campos de pesquisa sobre os mais diversos temas e problemáticas, pois os arquivos da imprensa fornecem informações sobre o cotidiano e as formas de ver o mundo por meio de relatos dos fatos ordinários da experiência humana, hábitos e costumes, apesar do conteúdo editorial ser caracterizado, muitas vezes, como parcial, tendencioso e como um veículo de expressão e formação de opiniões, daí a importância de não se negligenciar as circunstâncias das fontes de informação, da publicação, da área

de divulgação, dos interesses econômicos e financeiros a que atendem, dado que em todo documento há que se considerar o campo de subjetividade e da intencionalidade.

Tania Regina de Luca (2005) lembra o pioneirismo incontestado de Gilberto Freyre que, por meio dos anúncios de jornais, estudou diferentes aspectos da sociedade brasileira do século XIX, e destaca a riqueza desse corpo documental pelos informes de natureza econômica (câmbio, produção e preços), demográfica e os múltiplos aspectos da vida social e política, questões sobre gênero, etnia, raça, identidade, modos de vida, experiências e práticas políticas cotidianas, formas de lazer e sociabilidade, produção teatral e literária, “sempre com resultados originais e postura muito distante da tão temida ingenuidade” (p. 118), e que os estudos das transformações ocorridas no início do século XX nas principais capitais brasileiras, importante campo temático da pesquisa histórica, foram feitos por meio da imprensa:

A aceleração do tempo e o confronto com os artefatos que compunham a modernidade (automóveis, bondes, eletricidade, cinemas, casas noturnas, fonógrafos, câmaras fotográficas), a difusão de novos hábitos, aspirações e valores, as demandas sociais, políticas e estéticas das diferentes camadas que circulam pelas cidades, os conflitos e esforços das elites políticas para impor sua visão de mundo e controlar as “classes perigosas”, a constituição dos espaços públicos e os meandros que regiam seu usufruto e circulação, as intervenções em nome do sanitário e da higiene, a produção cultural e as renovações estéticas, tudo isso passou a integrar as preocupações dos historiadores, que não se furtaram de buscar parte das respostas na imprensa periódica, por cujas páginas formularam-se, discutiram-se e articularam-se projetos de futuro (p. 120).

A imprensa constituiu-se, portanto, um importante instrumento de pesquisa que, apesar das ideologias dos grupos editoriais, anunciava as mudanças do final do século XIX e da chegada do século XX, passagem da monarquia e da escravidão para o crescimento da produção fabril e de serviços, da vinda dos imigrantes, do avanço da comunicação e do letramento.

Velocidade, mobilidade, eficiência e pressa tornaram-se marcas distintivas do modo de vida urbano e a imprensa, lugar privilegiado da informação e sua difusão, tomou parte ativa nesse processo de aceleração. Os jornais diários profissionalizavam-se, sem perder o caráter opinativo e de intervenção na vida pública (LUCA, 2005, p. 122).

As historiadoras Cruz e Peixoto (2007) destacam a questão da historicidade da imprensa e a problematização de suas articulações nas conjunturas gerais e específicas “do longo processo de constituição, de construção, consolidação e reinvenção do poder burguês nas sociedades modernas, e da luta por hegemonia nos muitos e diferentes momentos históricos do capitalismo” (p. 257), pois a imprensa mostra um viés da história do capitalismo, no campo de lutas sociais, não se constituindo um simples depositário de acontecimentos, visto que “o passado não nos lega testemunhos neutros e objetivos e que todo documento é suporte de prática social e, por isso, fala de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado pela/na

intencionalidade histórica que o constitui” (258). Entende-se que seu projeto editorial está inserido numa relação de forças conjunturais e sociais, na materialidade histórica, que nos leva a inquirir sobre suas posições e articulações em um tempo histórico determinado, tomando o cuidado de não lidar com caracterizações generalizantes.

Na averiguação desses conteúdos, essas autoras propõem um roteiro de análise da imprensa periódica que consideram como “dimensões simultâneas e articuladas, não sendo tomados como etapas que possam sugerir hierarquização e sequenciação” (p. 265):

- I. *Identificação do Periódico* (Título, Subtítulo, Datas-Limites da publicação, Periodicidade, Classificação na Instituição).
- II. *Projeto Gráfico/Editorial*
 - A. *Projeto Gráfico* (Capas e Primeiras Páginas; Partes e Cadernos; Cadernos Especiais e Suplementos; Edições Comemorativas; Seções: Colunas Fixas e Assinadas; Iconografia: ilustrações, charges, desenhos, gráficos; Manchetes, Legendas, Colunagem e Frisos; Anúncios e Publicidade).
 - B. *Produção e Distribuição*
 - B.1. *Grupos Produtores* (Proprietários, Diretores, redatores e colaboradores; Condições Técnicas: tecnologias de produção e impressão, organização da redação e sucursais e serviços de apoio);
 - B.2. *Circulação e Distribuição* (Tiragem, Preço e Formas de Venda e Distribuição; Espaços de Circulação e Distribuição).
- III. *Projeto Editorial: Movimentação e Posicionamento Político na Conjuntura* (Intervenções na Agenda Pública; Principais Temas e Campanhas Gerais; Posicionamentos Políticos Explícitos; Perspectiva Histórica, Construção de Temporalidade, constituição de Sujeitos Sociais, proposta de alinhamentos e negociação de pactos políticos).

Os procedimentos metodológicos propostos nesta análise objetivam a problematização do material para a compreensão da conjuntura, identificando a imprensa num momento, expressão ou reflexo de uma dada realidade.

Em seu estudo sobre a consciência dos lugares e dos papéis que as mulheres operárias sorocabanas, no início do século 20, foram adquirindo na sociedade de então, Barreira (2017) analisa o jornal *O Operário*, apresentando as relações entre os gêneros que estão ligadas a outras, como as de classe, etnia, geração e, ainda, os tempos (que ele chama de pontos de intersecção entre diacronia e sincronia), e os espaços geográficos, sociais e culturais dessas relações. Por mais que a imprensa operária tenha sido investigada, este historiador lembra que não se pode julgar como esgotada em todas as suas possibilidades, pois a história é “sempre escrita a partir de questões postas pelo presente daqueles que inquiram o passado, razão pela qual as escritas ou escrituras da história trazem sempre as marcas dos tempos e lugares dos

sujeitos que se debruçam ou se debruçaram sobre ela” (p. 91). A condição do ser social, formada pelos “fazer e saberes”, só pode ser percebida “na sua singularidade, ou seja, no âmbito das relações, sempre contraditórias, que o singular estabelece com o universal” (p. 91), e o autor considerou como um dos maiores desafios de sua pesquisa a apreensão dessa singularidade da vida rotineira do operariado sorocabano no início do século XX, daí a relevância de se analisar a imprensa como prática social historicamente determinada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável o aprendizado de valores que a prática da pesquisa pode oportunizar no contato com o material de investigação nos baús de tesouros das memórias e registros, nos conteúdos repletos de descobertas e revelações, nas eficientes diretrizes e instrumentações dadas pelos conhecedores do campo metodológico nos processos de construção de significados e, como consequência, o encantamento em conhecer, no processo de relacionamento e diligência, histórias e experiências de vidas.

Mas de que forma se pode apreender todas as informações, dadas de maneira intencional ou não intencional, por meio do que está posto nos materiais? Com os mestres da metodologia e os conceitos teóricos e empíricos, como ensinou Paul Veyne (1998), que os eventos são apresentados de forma incompleta e lateralmente, e o grande historiador Edward Palmer Thompson (1981), que se deve “dialogar” com os textos, fazer indagações que busquem a compreensão dos acontecimentos como foram registrados, com suas cargas ideológicas, então buscar novas evidências, propor novas questões e, nessa interlocução, que sejam ouvidas as vozes da história que está inserida num contexto e numa cadeia de relações, levando a uma reflexão e análise historiográfica das fontes documentais, para identificar e localizar a pesquisa nessa discussão, e considerar as possibilidades de integração das questões e dos procedimentos de exame e produção. É interessante a possibilidade de se estabelecer as pontes que ligam as experiências da história recente com as do passado, pois todo passado está carregado de possibilidades de futuro e que podem ter uma significação, daí a relevância do “futuro do pretérito”.

Quanto ao gênero biográfico, um gênero que está se popularizando devido ao espaço cada vez maior que as pessoas têm na sociedade e do interesse constante da mídia sobre a vida social, Vavy Pacheco Borges (2005) explica a importância de se atentar aos condicionamentos sociais do biografado, seu grupo de atuação e todas as suas redes de relações; o cuidado com a ilusão retórica, como pontua Bourdieu (2006), de se produzir um relato de vida com coesão de sequência dos acontecimentos sem considerar as particularidades ocasionais e imprevisíveis; nessa mesma linha de pensamento, Giovanni Levi (2006) alerta para as distorções que se faz ao supor que as personalidades sejam coerentes e estáveis, agindo sem inércia e tomando decisões sem incertezas. E François Dosse (2009) destaca o inevitável envolvimento do biógrafo, pelo contato direto, pela empatia e identificação com a finitude da personagem biografada, correndo o risco de, na ânsia de se querer fazer justiça

e trazer o reconhecimento de sua grandeza, criar uma unidade significativa e coerente, porém esta “paixão” também se faz necessária.

As fontes de informação que se defende neste argumento são, principalmente, as notícias dos jornais, levando em conta que os periódicos têm sido um dos principais recursos de averiguação histórica, mas há que se considerar as particularidades deste material, como por exemplo, as circunstâncias das fontes de informação, da publicação, da área de divulgação, dos interesses econômicos e financeiros a que atendem, da subjetividade e da intencionalidade. Tania Regina de Luca (2005) destaca a riqueza dessa fonte documental pelos informes de natureza econômica, demográfica e os múltiplos aspectos da vida social e política, apesar das ideologias dos grupos editoriais; Cruz e Peixoto (2007) levantam a questão da historicidade da imprensa que não se constituem um simples depositário de acontecimentos, mostrando um viés da história do capitalismo, por exemplo, no campo de lutas sociais, e essas autoras propõem um roteiro de análise dos periódicos considerando tudo o que compõe a estrutura e o conteúdo para identificar a imprensa num momento, expressão ou reflexo de uma dada realidade. Barreira (2017) apresenta um estudo do jornal O Operário no qual analisa as relações entre gêneros, classes, etnias, gerações, tempos e os espaços geográficos, sociais e culturais, pois a condição do ser social deve ser percebida nas suas singularidades, contradições e nas práticas sociais historicamente determinadas.

Ao pesquisar sobre a vida de uma personagem, torna-se inevitável o envolvimento passional do pesquisador à medida que cumpre a tarefa de investigar a trajetória de existência de seu objeto de pesquisa, com foco na busca pelo verossímil, pelo que pode ser possível ou provável nas fontes documentais, sem deixar de questionar e contestar essas mesmas fontes, que devem ser analisadas de forma questionadora, buscando novas indagações, dialogando com as evidências e os conceitos que levam a contínuas hipóteses pela pesquisa empírica.

E que o biógrafo tenha a consciência de que nunca finalizará o seu trabalho, sejam quantas forem as fontes que ele consiga investigar.

REFERÊNCIAS

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/jornais_revistas>. Acesso em: 22 de julho de 2018.

BARREIRA, Luiz Carlos. **A mulher na imprensa operária sorocabana**: jornal O Operário (1909-1913). In: BARREIRA, Luiz Carlos; PEREIRA, Maria Aparecida Franco (Orgs.). **Mulher**: Leitora, autora e formadora. Santos (SP): Editora Universitária Leopoldianum, 2017.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

BORGES, Vavy Pacheco. **Grandezas e misérias da biografia**. In: PINSKY, Carla Bessanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 203-234.

BOURDIEU, Pierre. **A Ilusão Biográfica**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 182-191.

BURKE, Peter. **A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista**. *Estudos Históricos. Indivíduo, biografia e história*. Rio de Janeiro: FGV, v.10, n.19, 1997, p. 83-97.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa**. Projeto História, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**. Edusp, 2009.

LEVI, Giovanni. **Usos da biografia**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV.2006, p. 174, p. 167-182.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bessanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-154.

O ESTADO DE S. PAULO, São Paulo. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em: 07 jul. 2018.

PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2018.

THOMPSON, Edward Palmer. **A Miséria da Teoria ou Um Planetário de Erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

WILLIAMS, Raymond. **Imprensa e cultura popular: uma perspectiva histórica**. *Projeto História: História e Imprensa*, São Paulo, n. 35, p. 15-26, dez. 2007.

A autora declarou não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.